

A GRAVURA

Barbara Baumgardner

Eu mal acabara de completar 18 anos quando meu futuro marido me levou para pescar no rio Williamson, no sul de Oregon. Fizemos um piquenique no parque de Collier, onde ele gravou minhas iniciais, bem profundas, na casca de uma bétula.

Tirei uma fotografia para colocar em meu álbum.

Mais de 40 anos depois, retomei ao parque Collier, já viúva e desejosa de receber um abraço do passado. O parque fora expandido: plantaram grama e instalaram toaletes modernas. Meus olhos, cheios de expectativa, vasculharam as numerosas gravações esculpidas nas cascas do único bosque de árvores brancas do parque. Fotografei as árvores de todos os ângulos, na esperança de que uma delas, ao acaso, revelasse os vestígios, cobertos de folhas, de nosso amor nesse local.

Achei o guarda florestal e pedi ajuda: "Será que as árvores cresceram tanto que já não conseguia identificar minhas iniciais.

- Não - respondeu ele - mas a casca que foi ferida já cicatrizou e as iniciais esculpidas esticaram-se à medida que a árvore crescia, o que significa que seria muito difícil ler as iniciais.

As palavras desestimulantes desse guarda não me desencorajaram, e até reprimi algumas risadinhas infantis, típicas das meninas, enquanto continuava a busca de minha tatuagem feita na árvore. A cena era bem ridícula: apontava minha máquina fotográfica para todas as cicatrizes silenciosas, esculpidas nos troncos das árvores.

Um poema insinuou-se em minha mente:

Há 43 anos, meu noivo Esculpiu minhas iniciais em uma árvore.

Hoje retorno para achar a marca deixada Em um local adorável, o parque Collier.

Uma semana depois, quando revelei o rolo de filme e comparei com a fotografia que tirara 43 anos atrás, sabia que eu a encontraria. Era a única árvore com tronco duplo no pequeno bosque, agora repleto de bétulas frondosas. Ri e, a seguir, chorei.

E me recordei.

Imagino que agora, uma geração mais tarde, as pessoas que brincam no parque podem indagar a respeito da origem ou, quem sabe, critiquem a pessoa que utilizou um canivete afiado para registrar o amor que sentia por uma jovem. Entretanto, para mim, as marcas profundas no tronco da árvore são um lembrete das cicatrizes em meu coração, esculpidas pela lâmina afiada da morte. E como o pequeno bosque de bétulas frondosas, eu também tive minhas feridas curadas e removidas de forma maravilhosa.